

OS RIOS CORREM PARA O MAR...

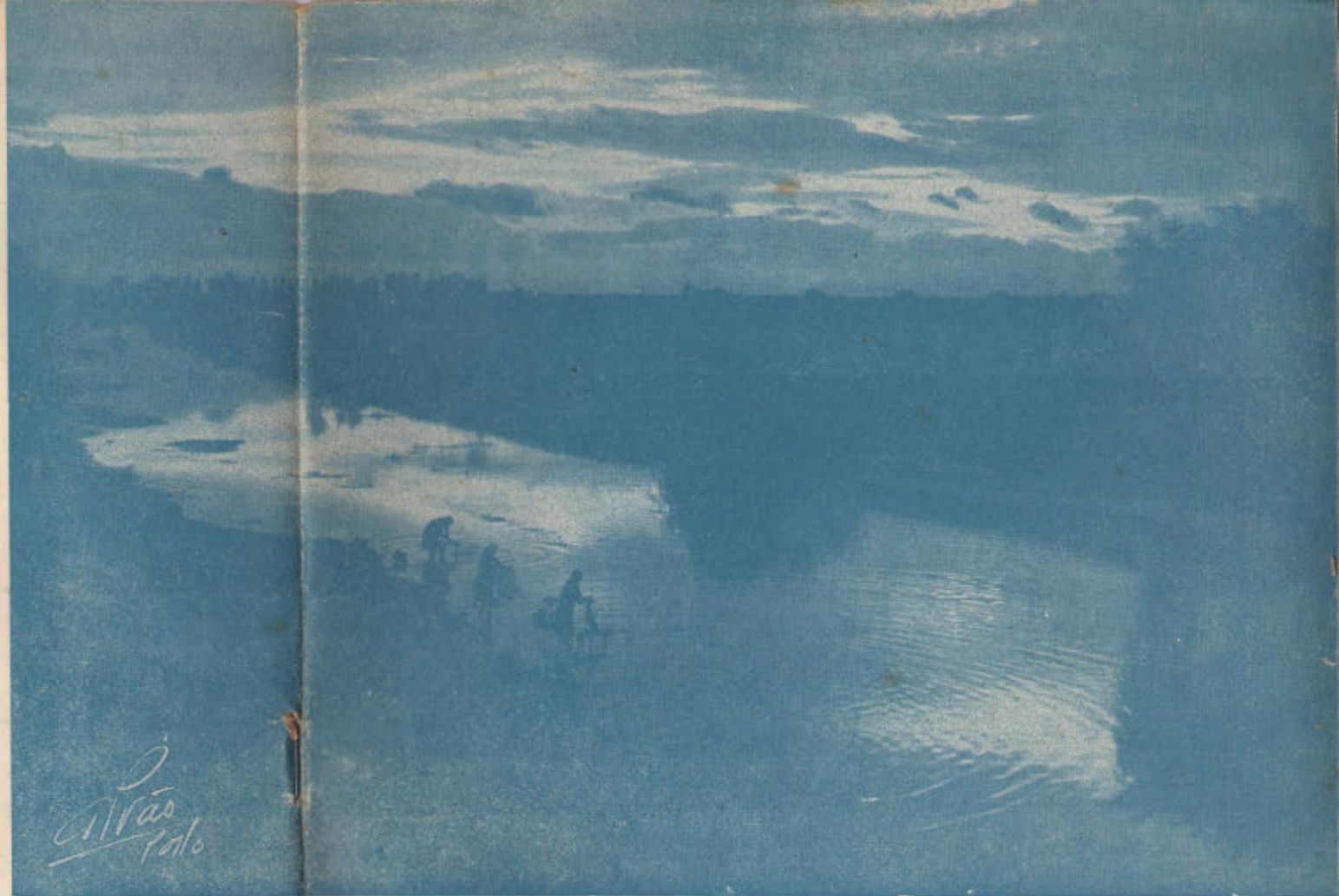
Olha a água brotando das nascentes,
Descendo p'las encostas, a cantar:
Hoje regatos, amanhã torrentes
Aonde as lavadeiras vão lavar.

E as torrentes são rios impetuosos
Que, lá ao longe, chama a voz do mar;
E nos seus duros leitos pedregosos,
Vão correndo, correndo, sem parar...

Galgam colinas, vales e penedos,
Não descansam, não temem, não hesitam;
Arrastam penedias, fragaredos
E, com eles, no mar os precipitam.

Quisera possuir teus heroísmos,
Tua ânsia de espaço, imensidade...
Ó rio que conquistas os abismos
E vais dormir no mar da eternidade...

MARIA MIGALHA



BOA SEMENTE

Poço Novo, n.º 7 — LISBOA

Telef. 21753

Propriedade da Liga Agrária Católica Feminina

Composto e impresso na Tip. UNIÃO GRAFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA

Boa Semente

FEVEREIRO DE 1957



DIALOGOS LIGEIRO S

O mulherio, alvoroçado, juntara-se no largo da aldeia, ao topo do qual ficava a Igreja.

Coisa de vulto teria acontecido, para que os seus rostos exprimissem tanta aflição e, ao mesmo tempo, tanto espanto.

Uma mulher gesticulava, falando para as outras, que a escutavam, atentas.

— Duma coisa destas, só ela seria capaz! Ninguém o faria...

— Mas que foi? Que se passou? — perguntou a Eugénia, que regressava à aldeia nesse instante.

— Então, não sabes o que aconteceu?

— Eu não. Fui ontem, à tardinha, para a vila, para vender um cesto de maçãs, no mercado, e só agora chego. Mas houve desgraça, com certeza. Vocês estão todas com umas caras...

— Pudera, que o susto foi pequeno! — exclamou a Júlia.

— Deixa-nos cá — acrescentou a Rosa — o fogo pegou na casa da Antónia e queimou tudo. Nem um trapico ficou e não ter ela lá ficado...

— Mas como foi isso? Não há desgraça que não lhe caia, desde que lhe morreu a mãe...

— Adormeceu, sem ter apagado o brasido da lareira e, quando lhe acudiram, estava tudo a arder e pouco faltou para ela se ficar naquela terrível fogueira... E sabes quem arriscou a vida para a salvar? A tia Lúcia...

— Não me digas... Então, a tia Lúcia salvou da morte a sua inimiga? Sim, porque a Antónia não podia ver a tia Lúcia...

— E ainda fez mais, mulher: deu-lhe roupas para se vestir e deu-lhe abrigo na sua casa.

— Pois ela já esqueceu tudo que a Antónia lhe fez, todo o mal que disse dela?

— Afinal — interrompe a Júlia — porque quereria ela tanto mal à tia Lúcia, uma mulher que toda a aldeia estima e respeita?

— Coisas... contos velhos... Quando elas eram raparigas, gostavam do mesmo

moço, mas este escolheu — escolheu e acertou — a tia Lúcia. A outra nunca lhe perdoou ser a preferida, como não lhe perdoa que todos a estimem. Inveja, muita inveja...

A tia Lúcia foi sempre boa. Ninguém se lhe chega, que venha de mãos vazias. Por sua vez, a Antónia vivia bem, mas nem um fio dava. Foi sempre soberba e avarenta. Todas nos chegamos à tia Lúcia e todas fugimos da má língua da Antónia...

Ver-se sem ninguém que a estime tornou-a pior... Deu em difamar a tia Lúcia, como vocês sabem, e, noutros tempos, a tanto foi o atrevimento da sua má língua que, num domingo, à saída da Missa, a tia Lúcia agarrou-a e disse-lhe, diante de toda a gente: — Tu andas para aí a arrastar-me pelas ruas da amargura... mas, agora, vais dizer, na minha presença e diante desta gente, tudo que dizes nas minhas costas...

A outra calou-se, amarela como uma cidra e de olhos no chão...

Anda, fala. Diz, bem alto, o que me viste fazer e de que eu possa envergonhar-me...

— Eu nunca disse mal de ti...

— Nunca disseste mal de mim?! Eh! gentes! Vocês ouviram ou não esta mulher difamar-me? — Diversas vozes se engueram a acusá-la.

— Fala, diz bem alto: O que disseste a meu respeito era verdade ou mentira?

Tão decidida era a atitude da tia Lúcia, em legítima defesa da sua honra, que a outra não teve remédio senão confessar: — Menti. Era tudo falso...

O povinho gritou contra ela e se a tia Lúcia não se opusesse, a Antónia levaria uma tarefa... Nunca mais se falaram, mas a Antónia não lhe ficou de lição e, sempre que podia, dizia mal dela e até pragas lhe rogava...

— Bruxa, malvada! — exclamou furiosa, a Eugénia.

— Ora, ora... — ripostou a Júlia — zurros de burro não chegam ao Céu... Isso de bruxedos não passa de uma grande cantiga... Mas, ó Rosa, conta lá o resto...

— O resto sabe-lo tu. A tia Lúcia viu a casa da Antónia a arder e correu, como todos nós, para acudir. Gritaram por ela. Não respondeu. Enquanto nós hesitávamos, sem saber o que devíamos fazer, a tia Lúcia meteu-se às chamas e trouxe cá para fora, meio asfiziada pelo fumo, a sua inimiga e levou-a para casa...

— Sim, senhora. Aquilo é que é uma mulher! Viva a tia Lúcia!

— Viva! — responderam todas.

O sr. Prior que, nesse momento, saía da Igreja, parou junto do grupo e, sorridente, acrescentou: — Viva a tia Lúcia, mulher de coração e de coragem, que não se limitou a salvar uma vida... Perdoou à sua inimiga com toda a caridade — aquela caridade, que Deus Nosso Senhor manda que se anteponha à inveja — porque foi o pecado da inveja que tornou má a Antónia e a fez odiar a tia Lúcia.

MALVAZUL

GRÃOS DE

Há certos usos de gestos que têm perdido a sua verdadeira significação tais como o beijo, o abraço, o aperto de mão, e as expressões «Bom dia» «Passou bem?» «Bem muito obrigada» etc.

Alguém quando diz «Bom dia» tem realmente intenção de desejar que a pessoa a quem se dirige tenha um santo dia?

Quando respondemos «Bem muito obrigada» chega-nos dentro o agradecimento pelo interesse que outra pessoa tem por nós? Quase nunca. Quer dizer que as palavras muitas vezes não saem nem entram no coração.

É preciso pois que quando falamos a Nosso Senhor não aconteça o mesmo e para isso muito nos ajuda o conhecimento da liturgia, quer dizer, as regras dadas pela Igreja para prestarmos culto a Deus.

Todo o culto de Deus, deve mostrar que aquilo que sentimos dentro de nós é o mesmo que mostramos por fora.

Reverência, humildade, obediência e piedade tudo se deve conhecer tanto nos actos solenes da Igreja como nas «maneiras» de cada um de nós.

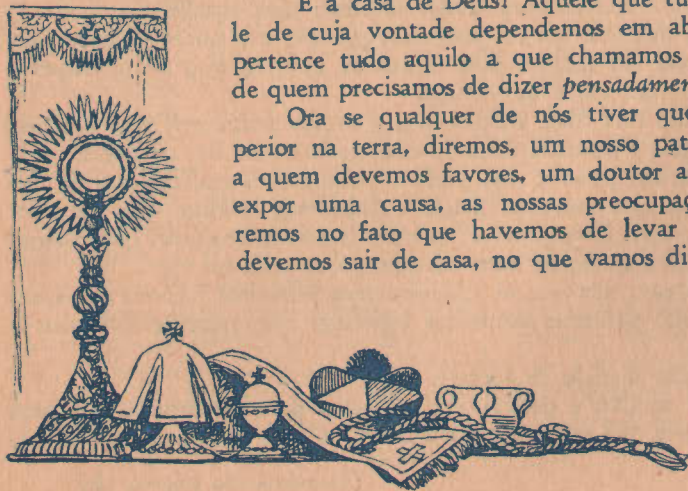
A Liturgia prepara e favorece as nossas orações, e ajuda o nosso aperfeiçoamento, por isso muito gostaríamos que as nossas leitoras aumentassem os seus conhecimentos com pequenas explicações da razão de ser dos sinais sagrados, e certos actos do culto.

Começaremos pela entrada na Igreja:

Não vamos entrar numa casa qualquer.

É a casa de Deus! Aquele que tudo pode em nós. Aquele de cuja vontade dependemos em absoluto. Aquele a quem pertence tudo aquilo a que chamamos nosso. Aquele que é e de quem precisamos de dizer *pensadamente*: *Nosso Senhor*.

Ora se qualquer de nós tiver que ir visitar um seu superior na terra, diremos, um nosso patrão, uma senhora nobre a quem devemos favores, um doutor advogado a quem vamos expor uma causa, as nossas preocupações são muitas. Pensaremos no fato que havemos de levar vestido, na hora a que devemos sair de casa, no que vamos dizer e com que palavras.



LITURGIA

Ao entrar na casa a nossa atitude será de respeito e humildade.

Como faremos? Como será o uso dos senhores? Apertamos a mão? Sentamo-nos? Esperamos que nos mandem sentar? Falamos primeiro ao senhor ou à senhora?

O nosso embaraço faz-nos desejar saber, para não fazermos uma triste figura.

Pois bem. Com muito mais razão queremos fazer boa figura na Casa de Deus e diante de Sua Majestade.

Primeiro:

Não vamos a correr.

Entrar à pressa na Igreja, barulhentosamente procurando um lugar, de traz para diante de diante para traz, não é reverente para Nosso Senhor, distrai quem está, e esses segundos de tempo que julgamos ganhar com a pressa, não aumentam em nada o valor do oferecimento da missa.

Antes de chegar à porta da Igreja, pelo caminho, já devemos ir preparando o nosso pensamento, meditando, dizendo a nós mesmas onde vamos.

A casa do Senhor.

Mesmo que a missa já tenha começado façamos uma pequena paragem antes do guarda-vento ou da cortina que para esse fim ali estão. Compor o véu ou o lenço e pensar um pouco.

— Quero deixar aqui fora da porta todos os pensamentos que me prendem às coisas da terra e me distraem, quero entrar nesta igreja onde venho todos os dias, como se fosse hoje a primeira vez que nela entrasse, com maior respeito e mais atenção. Quero quando entrar esta porta que os olhos do Senhor pousem em mim como na mais humilde das suas criaturas.

E devagar, sem fazer barulho com os pés, aproximemo-nos da pia da água benta.

No número seguinte falaremos da água benta e do sinal cruz.

